

47/0114 - p. 6  
47/02106 - p. 4  
Verdade de São Paulo

# ARMAS DE ALGODÃO

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

## I

Entre as peças mais características da velha indumentaria bandeirante, nenhuma tão curiosa como o "escupil" ou jibão estofado de algodão. É conhecida a passagem de Montoya acerca do assalto dos mamelucos á redução de Jesus Maria, onde os homens de São Paulo aparecem muito bem armados de escopetas e vestidos de "escupis", que eram ao modo de dalmaticas estofadas de algodão, com que o soldado, coberto dos pés á cabeça, podia pelejar seguro de flechas.

Como surgiu entre nós essa arma defensiva e que relação guarda com outras de evidente origem européa? Parece provável que, entre os primeiros povoadores luso-brasileiros da capitania de São Vicente, não faltou quem usasse eventualmente armaduras de aço originárias do Velho Mundo. Um exemplar dessas armaduras existe mesmo em exposição no Museu Paulista vindo do acervo do antigo Museu Sertorio, assim como peitorais de malhas, também de aço; um e outros foram usados, segundo as indicações, no século XVI e em terras da donataria de Martin Afonso. Faltam, infelizmente, elementos que ajudem a fixar com maior minúcia, a procedência de tais peças.

De couras de anta igualmente se fez uso, ao que consta, e destas não se conhece atualmente nenhuma amostra. Tudo leva a crer, porém, que não se distinguíssem muito dos modelos europeus, salvo na matéria prima de que eram fabricadas. Matéria que servia também para rodela e pavezes. As primeiras são especialmente referidas em documentos de procedência castelhana e jesuítica, como fazendo parte dos recursos ordinários de defesa que levavam os paulistas nas suas incursões ao Guairá. Eram pequenas adargas, circulares com o sugere seu nome, feitas de pele simplesmente seca do tapir e talvez semelhantes aos escudos que faziam os Tupinambás do litoral. Pode-se ter ideia de sua rijeza pelas que se encontram ainda hoje em certas tribos da Amazonia e que segundo testemunhou Thomas Whiffen em principio deste século, são impenetráveis a quaisquer projectis que não sejam niquelados e de velocidade extrema. Os pavezes eram grandes anteparos quadrangulares ou oblongos, que serviam para proteger todo o corpo do arcabuzeiro quando se voltava para carregar a arma.

Quanto ás armaduras de algodão não ha noticia de terem sido empregadas na Europa ou por europeus antes do descobrimento da America. Pode-se afirmar com certeza que foi uma criação americana. Também é certo que não constituiu um invento dos paulistas embora, no Brasil, se achem constantemente associados ás expedições da gente piratiningana. Antes dos paulistas usaram-na sem duvi-

da os castelhanos, e antes dos castelhanos, os indigenas de algumas regiões menos rudes do nosso continente.

É de supor que mesmo nas terras platinas já se conhecessem, ao tempos das grandes invasões paulistas, desses jibões acolchoados, que as flechas não atravessam e somente "ficam penduradas", conforme se lê na "Conquista Espiritual". Sabe-se que, mesmo entre clerigos, não desdenhavam alguns de vestir seus "escupiletes" quando deviam percorrer paragens remotas e infestadas de inimigos. Numa escultura da época das Missões guaranis conservada ainda hoje na Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em São Gabriel, Rio Grande do Sul, e que representa um São Miguel agreste e com feições de bugre, tendo, prostrado aos pés, o demônio, na figura de um aventureiro paulista, quem aparece armado de escupil é o arcanjo, e não, como se poderia supor, o bandeirante.

O recurso a essa especie de armadura impermeavel ás flechadas perdurou, aqui e ali, durante longo tempo, enquanto prevaleceram condições que o impunham. Sua existência no Brasil, ainda em começo do século passado, é atestada em conhecida gravura de Debret, e no Paraguai ha noticia de que foi empregada correntemente em épocas muito mais recentes. Quando e como se implantou seu uso entre nós é o que não se pode afirmar com segurança absoluta, embora a data dessa introdução tenha sido muito anterior ao dominio espanhol.

É provável que de início fosse conhecido em quase todo o litoral. Com o tempo e o progressivo desaparecimento das ameaças do gentio é que seu emprego se foi restringindo aos centros mais rústicos ou em contato permanente com o sertão, como foi o caso de São Paulo nos séculos XVI e XVII. Em 1590 Jerônimo Leitão, capitão e governador da capitania de São Vicente, já expedia uma ordem aos vicentistas para que fizessem suas "armas d'algodão", a fim de melhor se defenderem dos Tupiniqui, rebelados e ameçadores. Poucos anos depois dessa data principiavam a aparecer tais vestimentas mencionadas em inventários de sertanistas, como por exemplo no de João do Prado, falecido em 1597. São essas as primeiras referências ao escupil que encontramos em antigos documentos de São Paulo. Tão bem se identificaria, ao cabo, esse instrumento de defesa com os hábitos de vida dos moradores da Capitania, que aos poucos se transformou em peça quase obrigatoria nas suas viagens aventureiras ao sertão. Assim se explicam os termos de uma carta regia divulgada pelo sr. Basilio de Magalhães, onde se lembra, isso já em 1684, ter mostrado

a experiencia que "para a resistencia das flechas são mais comodas as casacas estofadas de algodão na forma que usão os certanejos de S. Paulo".

Não ha exagero, talvez, em acreditar-se que o clima temperado do planalto paulista e de algumas regiões sullnas percorridas pelas primeiras bandeiras tenha contribuido de modo ainda mais decisivo para que, no Brasil, seu uso se tornasse particularmente característico de semelhante area. Pesados, espessos, volumosos, esses jibões deveriam representar, em alguns casos, verdadeiro tormento para os que deles se servissem em lugares mais quentes.

A hipótese de que teriam sido importados por força do contato entre paulistas e castelhanos do sul, numa época em que São Paulo pertencia á familia platina quase tanto como á comunidade brasileira, torna-se pouco verossimil ante o texto de Gabriel Soares, em que se assinalam as "maravilhosas armas de algodão" fabricadas antes do ano de 1587 em todas as casas da Bahia. Preferiam-nas já então, os portugueses, aos seus cossoletes e couraças, por apresentarem a vantagem de reter em si as flechas, o que não ocorria com as de metal ou couro, onde elas resvalavam muitas vezes e iam fazer dano aos companheiros.

Não é preciso, aliás, chegar-se até Gabriel Soares para encontrar referências ao emprego, no Brasil, de salos acolchoados, pois no proprio regimento de Tomé de Sousa já se mencionam expressamente entre as armas de que deveria dispor cada um dos capitães das capitanias, "40 corpos darmas d'algodão "das que na dita terra do Brasil se costumão". Por sua vez os senhores de engenhos e fazendas teriam, cada qual, pelo menos vinte dessas mesmas armas.

O regimento do primeiro Governador geral é de 1548, e não consta que por esse tempo já existissem, entre São Paulo e o Paraguai, as assíduas comunicações que alguns anos mais tarde se estabeleceriam. Parece assim excluída a possibilidade de ter penetrado por essa via um instrumento de defesa que tanta importancia teria nas futuras expedições bandeirantes.

5B#  
R253 34  
2/20

# Armas de Algodão

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

## II

Mostrou-se em artigo anterior como o primeiro depoimento seguro acerca da presença e uso, no Brasil, da estranha arma de defesa que são os gibões acolchoados de algodão traz a data de 1548. Sabemos também, de modo positivo, que essa indumentária guerreira fôra desconhecida na Europa antes de descoberto o Novo Mundo e que não pertencia ao arsenal dos nossos indígenas.

Ha noticia, por outro lado, de que na America Espanhola seu uso por parte dos conquistadores já era consideravel durante o terceiro decennio do seculo XVI. De que maneira chegaram eles a encontrar remedio tão engenhoso contra as flechas, sobretudo flechas ervadas, que empregava o gentio em determinadas areas das chamadas Indias de Castela? Sabe-se que, embora conhecendo de longo tempo, das velhas contendas com os mouros, todo o dano que podem causar os venenos applicados ás pontas das flechas, os conquistadores ibericos do Novo Mundo viram-se praticamente inermes quando tiveram de enfrentar esse instrumento de combate e destruição.

Muitas das famosas crueldades dos conquistadores castelhanos da America, que iriam ajudar a compor mais tarde sua "lenda negra", parecem ter origem no sentimento generalizado de repulsa contra os que recorriam a tal arma. Compreende-se a especie de indignação moral que se apoderaria então dos netos daqueles fidalgos peninsulares que chegavam a dividir as armas em licitas e vis, compreendendo nesta ultima categoria todas as que ferem a distancia, tidas por traiçoeiras e só admissíveis na defesa. Mesmo em Portugal, as Ordenações Manuelinas ainda registram semelhante distincção, e Costa Lobo assinala que nos seculos XV e XVI o clérigo que de manhã cedo sala de casa para ir á Sé rezar as matinas, podia levar sua adaga ou seu punhal, instrumentos esses de bom nome, porque ferem de frente a frente.

Se ainda ao tempo da conquista da America o labéio de inumanas e indignas se achava assim associado, de certo modo, ás proprias armas de fogo, como julgar, segundo esses criterios, instrumentos que lançados de surpresa e graitamente por inimigo oculto, tendiam a romper, com o tempo, todas as virtudes cavalheirescas? Nenhum dos tradicionais recursos de defesa se revelara suficientemente seguro contra a peçonha terrível arremessada nas pontas das flechas e que condenava suas vitimas a morte certa e sem apelo.

Nenhum, salvo as pesadas armaduras de aço que, no entanto, expostas á constante umidade da selva tropical, ofereciam pouco resistencia á ferrugem e ficavam logo impr. staveis. E' claro que, contando apenas com esse custoso elemento de defesa, os conquistadores não poderiam doma facilmente as tribos mais bravias ou incorporar extensas areas ao seu imperio. Foi durante a jornada de Hernandez de Cordoba ao continente que os esparthols depararam, pela primeira vez, com a solução salvadora. Os gibões acolchoados, em uso entre os Ma'as, protegiam eficazmente contra as flechas que se embaçavam no forro de algodão. Na expedição de Juan de Grijalba são já europeus, não mais indígenas, os que, por sua vez, ostentam desses "sayos basteados". Fernão Cortez chegou a encomendar ás tribos aliadas grande quantidade de casacos acolchoados e, desde então, muitos conquistadores passaram a exigir como tributo a entrega, por parte do gentio, de certa porção de algodão destinada expressamente ao preparo de tais casacos.

No territorio da atual Venezuela, onde o emprego das setas ervadas por uma grande parte dos indígenas do litoral exigia do conquistador precauções extremas, consta que o recurso aos justillos acolchoados foi contemporaneo das primeiras entradas. Uma dessas entradas inspirou mesmo a Juan de Castellanos os versos em que se comparem expressivamente as flechas

pendentes dos escupis dos invasores  
as bandeirilhas espetadas no touro  
por ocasião de uma "corrida":

Como toro que lidian los villanos  
que ya del suelo, ya de talanquera,  
Tautas garrochas salen de las

que lo cargan el cuerpo de madera.  
[manos  
.....  
.....

No menos a las partes sucedia  
En aquestos recuentros porfiados,  
Por ser gran cantidad de flecheria  
La que ouelga de sayos estofados...

Em realidade foram europeus os grandes agentes de disseminação do uso do escupil em quase todo o continente americano e mesmo fora d.le, nas Filipinas e na Africa, tendo-o tomado, por sua vez, como foi dito, aos indígenas do Yucatá. Até o nome com que essa arma veio a ser conhecida, em geral, nos países de lingua castelhana, é, segundo parece, de procedencia iucateca, ou antes mexicana, pois "escupil", segundos nos refere Friederici, viria diretamente de "chcaupilli" ou "ichcahupilli", que é como chamavam os Aztecas aos salos estofados usados entre certas populações do seu imperio.

Verificadas as vantagens que oferecia esse meio de proteção, generalizou-se logo seu uso, não apenas contra as setas ervadas, mas contra toda sorte de flechas. E foi com esse carater que se introduziu no Brasil e serviu mais tarde ás expedições dos bandeirantes. Embora faltem elementos que permitam fixar precisamente a data dessa introdução, pode-se, com segurança, dizer que ocorreu entre o ano de 1518, quando os conquistadores espanhols do Mexico travaram conhecimento, pela primeira vez, com os gibões acolchoados dos Ma'as, e o de 1548, quando se registram como usuais, entre nós, as "armas de algodão".

As informações de fonte castelhana que permitem estabelecer a procedencia dessa arma de defesa podem também ajudar a fixar, em traços mais nítidos, sua fisionomia verdadeira. No Brasil, ao que se deduz de velhas crônicas e documentos iconograficos, fabricavam-na despontada em quadrados e descendo ora quase até aos joelhos — conforme se vê numa estampa de Debret — ora pouco abaixo da cintura — conforme aparece na estatua, já mencionada, da igreja de São Gabriel, no Rio Grande do Sul — e quase sempre escondendo parte dos braços. No primeiro caso deveriam conter cerca de oito libras de algodão, ao passo que as mais curtas, cobrindo o busto e o ventre, tinham seis libras no maximo. De qualquer modo seriam bastante espessas para poder embaraçar os projectis e, com isso, proporcionar maior segurança ao soldado ou sertanista.

Entre as outras vantagens que esses salos prometiam, durante as entradas ao sertão remoto, conta-se ainda a de poderem servir de colchões para dormir, onde não houvesse risco de surpresas. Neste ultimo caso, o melhor era que os conservasse cada qual no corpo, pois impediam o contágio da umidade do solo e permitiam enfrentar qualquer situação arriscada. Sua eficiencia podia ser prejudicada pelo mau tempo, supunham-no alguns, pois molhados deixavam passar flecha, dardo ou lança. Mas nem todos os cronistas pensavam desse modo, e um honesto informante quincentista, d. Bernardo de Vargas Machuca, chega a registrar opiniões contraditorias a respeito. De qualquer modo seria em geral bem apreciavel a segurança oferecida por esses estofados: do contrario não se compreende como pudessem ter alcançado tão longa vida. Deles não só armavam o corpo os sertanistas, mas — a informação é de Gabriel Soares — fabricavam muito boas adargas e também celadas para a cabeça. Se assim era, temos uma explicação, talvez plausivel, para as palavras de Montoya, quando diz que, com os mesmos estofados, os bandeirantes de São Paulo se protegiam da cabeça aos pés.